

Questões que normalmente são formuladas

Considerando que o tema tratado neste site é polêmico e discutível, selecionei a seguir as perguntas mais comuns feitas por aqueles que já tomaram conhecimento do conteúdo da visão exposta neste trabalho, no intuito de defender os conceitos aqui apresentados. Para cada uma dessas questões, procurei dar a resposta, na forma mais objetiva e clara possível, a fim de trazer mais subsídios para o conteúdo desta linha teológica.

- O nome de Jesus está associado a Jeová?

Algumas pessoas tentam associar Jesus à JEOVÁ, alegando que o nome "Jesus" significa no original hebraico "JEOVÁ é salvação" ou ainda "Salvação de JEOVÁ". No entanto, alguns dicionários bíblicos esclarecem o fato, mostrando que o nome Jesus (IESHUA) quer dizer simplesmente "Salvador", sem relacionar essa salvação à JEOVÁ.

Conforme alguns intérpretes da língua hebraica, o nome que significa "JEOVÁ é salvação" é JESUA, ou JOSUA, o qual é próprio de várias pessoas no VT, conforme mencionadas em 1 Crônicas 24:11; 2 Crônicas 31:15; Esdras 2:2 e 6; Neemias 3:19, 10:9 e 12:24.

- Na cruz Jesus não se dirigia a Jeová, quando dizia: "Eli, Eli... lama sabactani?"

Na cruz, pouco antes de sua morte, Jesus exclamou: Eli, Eli... lama sabactani, que significa "deus meu, deus meu, porque me desamparaste?", como lemos em Mateus 27:46.

Baseados nessa passagem bíblica, os questionadores do caráter de Deus costumam dizer que o Pai "abandonou" Jesus no momento mais difícil de sua jornada, o que descaracterizaria Deus como o Pai misericordioso, que jamais desampara seus filhos em seus momentos de dificuldades. Além disso, essa interpretação daria suporte teológico aos que identificam JEOVÁ como Deus, pois Jesus exclamou naquele momento "deus meu, deus meu...".

No entanto, diante de uma análise mais profunda, podemos observar que Jesus não estava se dirigindo ao Pai e sim a JEOVÁ, pois o Pai sempre se mostra fiel e presente nos momentos de dificuldades de seus filhos. Se o Pai tivesse abandonado o seu próprio Filho ali naquela cruz, como afirmam muitos teólogos cristãos, ele estaria indo contra todos os princípios de solidariedade e fidelidade que lhe são peculiares.

No meu ponto de vista, o que ocorreu naquela ocasião foi que, na qualidade de um nativo judeu, Jesus se dirigiu de forma irônica ao "deus do povo de Israel" (Atos 13:17), sabendo que JEOVÁ não iria livrá-lo naquela hora. A pergunta que cabe então nesse contexto é: Porque JEOVÁ teria "abandonado" Jesus?

Na minha opinião, JEOVÁ ficou muito zangado porque Jesus optou por ficar ao lado de Deus Pai, rejeitando a proposta de JEOVÁ para se tornar um Messias guerreiro no reino terrestre e tirânico, em que JEOVÁ governaria as nações deste mundo despoticamente e Jesus seria o seu "testa-de-ferro" (Salmos 47:3). Porém, JEOVÁ desconhecia a ação final no plano do Pai, que pretendia ressuscitar o Filho e exaltá-lo como Senhor absoluto.

JEOVÁ debilitou e matou o Jesus humano, permitindo que seu corpo físico fosse dilacerado pelas mãos dos homens, como estava profetizado em Isaías 53:6, mas o Pai ressuscitou-o dos mortos de forma gloriosa e sobrenatural (Atos 2:24; 3:15; 4:10...).

É por isso que a MORTE de Cristo não salva ninguém, mas a sua RESSURREIÇÃO é motivo de justificação para os que crêem (Romanos 4:25). Há

muitos cristãos enfatizando a paixão e morte de Jesus Cristo, mas o fato glorioso que o diferencia de um mártir comum foi a sua ressurreição. Portanto, o crucifixo com o Cristo morto pregado no madeiro não é a melhor representação simbólica do cristianismo, mas sim o sepulcro vazio, que prova que ele foi vitorioso sobre a morte.

Além disso, a palavra "El" utilizada por Jesus na expressão "Eloí", significa em hebraico "deus", porém esse "deus" seria uma forma genérica, não necessariamente se tratando do Deus absoluto e verdadeiro. Por sua vez, a expressão completa "Eloí" ou "Elí" significa "deus meu", ou, mais apropriadamente "deus do meu povo".

No entanto, SEMPRE que Jesus se dirigia ao Pai, ele dizia: "ABBA", que significa "pai" (Marcos 14:36). Se Jesus estivesse se dirigindo ao Pai naquela ocasião, ele deveria afirmar "ABBAÍ", e não "ELOÍ". Portanto, isso é mais uma prova que naquela ocasião, Jesus se dirigia à JEOVÁ, e não ao Pai.

- Porque é que no início da Igreja os primeiros cristãos se referiam à Jeová, como se fosse o Deus verdadeiro?

Ao longo da história da Igreja, os discípulos foram aprendendo gradativamente a conhecer melhor a Deus. A prova disso é que o mesmo Pedro que em Atos 4 se referiu à JEOVÁ do Salmo 2, como se ele fosse o Deus verdadeiro, teve posteriormente uma experiência descrita em Atos 10:9-36, em que Deus lhe revelou através de uma visão que Ele não fazia acepção (discriminação) de pessoas.

Isso significa que Pedro não tinha a concepção correta de Deus antes da visão, pois associava-o com JEOVÁ, que é preconceituoso e fazia discriminação de pessoas através de raça, sexo e defeitos físicos. Após aquela visão, a concepção de Pedro à respeito do verdadeiro Deus com certeza mudou, como ele mesmo admitiu, quando se defendeu por ter admitido o ingresso do centurião Cornélio na primitiva comunidade cristã (Atos 11:3-17).

Portanto, assim como houve uma evolução de conceitos durante o aprendizado que tiveram com Jesus, os discípulos evoluíram ao longo do tempo no conhecimento de Deus, deixando aos poucos os vínculos com o VT e as suas peculiares ordenanças tais como circuncisão, proibições de certos alimentos e guarda do sétimo dia.

É por isso que no início do livro de Atos há mais referências ao "deus" do VT, em comparação com os seus capítulos finais. Com o passar do tempo, o Espírito Santo foi gradativamente revelando a verdadeira essência do caráter de Deus, culminando com o Evangelho de João, que foi um dos últimos livros a serem escritos (por volta do ano 90 DC), o qual revela conceitos a respeito da relação entre o Filho e o Pai, que excedem todos os demais Evangelhos.

Na assembléia em Jerusalém descrita em Atos capítulo 15, muitos dos conceitos absurdos do VT foram revistos e abolidos. Isso não significa que Pedro e os apóstolos estavam "ensinando errado" no início de seus ministérios. Trata-se sim, do fato que o livro de Atos é um livro histórico, que registrou fielmente os detalhes do que foi dito e pregado pelos discípulos e apóstolos segundo uma ordem cronológica, desde a partida de Jesus até os primeiros anos da história da Igreja. Isso revela autenticidade, e não manipulação, como certos livros tendenciosos de algumas religiões, que ocultam certos fatos que podem gerar questionamentos.

Que os discípulos evoluíram o conhecimento a respeito do caráter e natureza de Deus ao longo dos anos, não há a menor dúvida, pois se Pedro estivesse consciente da discriminação que havia no âmago da lei de JEOVÁ, logo no início de seu ministério, não precisaria que o Pai lhe revelasse o quanto ele estava equivocado, no que diz respeito ao juízo e valor das pessoas. Portanto, aquele Pedro que pregou magistralmente nos primeiros capítulos de Atos, onde milhares de pessoas se converteram, até o episódio narrado em Atos 10:9-35, não estava

totalmente esclarecido à respeito do caráter do Deus que pregava, julgando que ele tinha predileção pelos judeus.

- Jesus se identificou com Jeová ao usar a expressão “Eu sou”?

Jesus nunca se identificou com JEOVÁ, pois a sua identificação era exclusiva com o Pai. A expressão usada por Jesus em João 8:58 foi “Eu sou”, enquanto que JEOVÁ usou em Êxodo 3:14 a expressão “eu serei” (èhyèh), correspondente à 1ª pessoa do futuro em hebraico, como certos intérpretes ensinam.

Assim, a tradução que caberia melhor para o que JEOVÁ disse seria “Eu serei o que serei”, ao invés do comumente traduzido “Eu sou o que sou”. Supõe-se que a expressão original teria sido mudada pelos tradutores da Septuaginta em torno do ano 280 AC.

Uma coisa é alguém SER, e outra coisa é esse alguém PRETENDER SER. Quando JEOVÁ admitia que ainda não era, ele revelava sua pretensão de sê-lo no futuro. Por isso, quando ele disse “eu serei”, estava revelando sua ambiciosa pretensão de vir a ser como Deus.

Quanto à Jesus, apesar de ser da mesma natureza que o Pai, não teve por usurpação o ser igual a Deus, como diz Filipenses 2:6. Portanto, Jesus se comportou de forma oposta em relação à atitude de JEOVÁ, que nunca se conformou com o fato de não ser igual a Deus, em termos de glória e poder.

- Como saber quando a expressão “Deus” se aplica a Jeová?

No VT é mais fácil saber quando se trata de Jeová por causa do Tetragrama “JEOVÁ”, usado na versão original hebraica. No texto da versão da Sociedade Bíblica é usada a expressão SENHOR com todas as letras maiúsculas para designar quando no original se trata do nome “Jeová”.

Porém, no NT é mais difícil esse reconhecimento, pois no original grego não existe o Tetragrama usado na língua hebraica. Portanto, nesse caso, a melhor coisa é usar o critério da análise texto a texto, eliminando-se as variáveis improváveis.

Assim, por exemplo, sempre que é usada a expressão “Pai” ou ABBA, se trata obviamente de Deus Pai. No entanto, quando é usada a expressão genérica “Deus”, pode se aplicar tanto à JEOVÁ, como à Elohim, como ao Pai, e por isso, não há outra forma de se distinguir qual é o correto significado, a não ser pelo sentido geral do texto. Para isso, é necessário ter discernimento e bom senso.

Portanto, no NT não dá para generalizar; é preciso analisar individualmente cada situação, para então reconhecer quando a expressão “Deus” se refere à JEOVÁ, à Elohim ou ao Pai.

- A expressão ABBA também não era usada no Velho Testamento, aplicando-se à Jeová?

Há diferença entre as expressões originais hebraicas ABA e ABBA. No VT usava-se freqüentemente a expressão “ABA”, que é a designação genérica para “pai” no sentido biológico, ou seja, o pai genitor.

Nesse sentido de pai genitor, JEOVÁ se considerava um pai para Israel, porém a sua relação com os homens sempre foi do tipo “enquanto lhe obedecem e lhe servem, as pessoas recebem bênçãos materiais e prosperidade; porém, quando as pessoas lhe desobedecem e lhe desagradam, elas recebem maldição e castigos físicos”. A relação que JEOVÁ tinha com os homens no VT era do tipo “patrão e empregados” ou “senhor e criados”.

Por outro lado, a expressão ABBA significa “papai” ou “papaizinho”, que é mais carinhosa e se aplica perfeitamente ao cuidado que o Deus Pai revela em

relação aos seus filhos. A imagem de Deus como Pai está associada ao tipo de relacionamento que Ele quer ter com os homens, na qualidade de filhos. Através de Jesus Cristo, o homem pode nascer de novo no sentido espiritual e tornar-se filho de Deus, como diz João 1:12 e 13.

Quando Jesus tratava a Deus como "Pai", os judeus se indignavam e os sacerdotes consideravam isso uma blasfêmia, pois eles sabiam que na melhor das hipóteses, JEOVÁ considerava os homens obedientes à sua lei como seus "servos". Eles sabiam que JEOVÁ jamais considerou algum homem como seu próprio filho. Quando os textos de Jó 1:6 e 2:1 fazem referência aos "filhos de JEOVÁ", isso diz respeito exclusivamente aos anjos.

Portanto, o termo "ABBA" é exclusivo para se referir ao Pai e é por isso que Jesus só se dirigia a Ele dessa maneira.

- Ao aparecer junto a Elias e Moisés no Monte da Transfiguração, Jesus não estava honrando o ministério do Velho Testamento? Qual foi o significado daquela figuração?

É difícil dizer até que ponto uma visão é real ou não. Os discípulos de Jesus que estavam ali presentes no Monte da Transfiguração, ou seja, Pedro, Tiago e João, viram Moisés e Elias falando com Jesus (João 17:1-3).

O mesmo Pedro teve uma visão descrita como um "arrebatamento dos sentidos", na qual viu os céus abertos e um grande lençol atado pelas quatro pontas, cheio de animais de toda a espécie, o qual descia diante de Pedro, enquanto que uma voz dizia-lhe do céu: mata e come (Atos 10:13). Posteriormente, Pedro veio a entender o significado dessa visão.

No entanto, mais importante que saber se a visão que os discípulos presenciaram era ou não com pessoas reais, é entender o SIGNIFICADO dela.

Ao meu ver, o objetivo da aparição de Moisés e Elias no Monte da Transfiguração foi de aprendizado para os discípulos que acompanhavam Jesus. Pedro, que era um deles, queria honrar Moisés e Elias fazendo uma cabana para cada um deles, mas o Pai bradou do céu: "ESTE é o meu Filho amado; ESCUTAI-O" (Mateus 17:1-5).

Neste ponto, é importante considerarmos o seguinte: Porque o Pai se referiu só a Jesus, ao identificá-lo como filho seu? Porque o Pai não acatou a sugestão de Pedro para honrar também a Moisés e Elias?

Moisés representava a LEI; Elias representava os PROFETAS. O Pai estava deixando claro que aqueles discípulos deviam ouvir somente à Jesus, ao invés de ficarem se apegando às coisas do Velho Concerto, representadas pela lei e pelos profeta. Com essa declaração, o Pai deixou claro que o ministério do VT, representado pela lei e os profetas, não pode ser de forma nenhuma confundido com o ministério de Jesus Cristo.

Portanto, o significado real daquela orientação vinda do céu, proveniente do Pai era: Este é o meu Filho amado, que é o meu único e legítimo porta-voz. Portanto, parem de ouvir outras coisas paralelas e passem a ouvi-lo com atenção!

- Na sinagoga Jesus não estava ratificando a profecia de Isaias e se identificando com o Messias de Jeová?

Na sinagoga de Nazaré (Lucas 4:14-21), Jesus tomou o rolo das escrituras e leu Isaias 61:1 e 2, onde o "Tetragrama" JEOVÁ com o nome de Jeová constava no texto original, mas Jesus propositalmente OMITIU o nome de JEOVÁ, usando apenas o restante do texto análogo da profecia de Isaias. Isso pode ser facilmente verificado, comparando-se os dois textos, onde constatamos que a palavra JEOVÁ só existe no texto de Isaias, o que prova que Jesus não se identificava com JEOVÁ.

Sempre que Jesus se referia a Deus, Ele usava a expressão "Pai" (ABBA). Isso confirma que o ministério de Jesus é ligado ao Pai, mas não à JEOVÁ.

Um outro detalhe importante nesse mesmo texto do Evangelho de Lucas é que Jesus substituiu a palavra "VINGANÇA" do texto original de Isaías pela palavra "FAVOR", porque seu ministério é fundamentado em amor e misericórdia, e não em vinganças e retaliações, como o ministério de JEOVÁ.

É bem verdade que Jesus usava com freqüência os textos do VT, porém ele fazia as devidas "adaptações" naquilo que era incoerente ou não se ajustava com a sua mensagem. Se Jesus estivesse identificado com JEOVÁ, ele jamais iria suprimir palavras ou fazer qualquer alteração nos textos das Escrituras.

- Não foi Jeová quem inspirou Isaías e os demais profetas?

Isaías e outros profetas do VT profetizavam sobre coisas que eles próprios desconheciam. Muitas das profecias eram baseadas no propósito de JEOVÁ de estabelecer um reino terreno, a ser governado com vara de ferro por um Messias na qualidade de administrador político, subordinado ao comando de JEOVÁ, como dá a entender o Salmo 2:9.

No entanto, essas profecias relacionadas ao estabelecimento do Messias mediante a força, como era pretendido por JEOVÁ, nunca vão se cumprir, pois como já vimos anteriormente, os métodos de Jesus não admitem o uso da violência para se prevalecer. No Reino que Jesus veio anunciar, as pessoas têm de se aproximar de Deus voluntariamente, e nunca de forma compulsória. A opção de Jesus de estabelecer o reino de seu Pai em moldes diferentes do que pretendia JEOVÁ, inviabilizou a concretização das profecias acerca do estabelecimento do reino político na Terra.

É bem verdade que várias profecias do VT se cumpriram literalmente; no entanto, o cumprimento de algumas previsões isoladamente não credibilizam totalmente a idoneidade de um profeta. A feiticeira de En-Dor, por exemplo, profetizou com acerto a respeito do futuro de Saul, sem qualquer inspiração divina (2 Samuel 28:19).

Da mesma forma, o perverso sumo-sacerdote Caifaz (aquele que julgou Jesus e o sentenciou), profetizou acertadamente a respeito da importância que alguém morresse pelo povo, para que não perecesse toda a nação (João 11:49-51), sendo que o próprio texto diz que ele não disse aquilo de si próprio, ou seja, através de sua própria inspiração.

Portanto, ainda que certas profecias do VT tenham se cumprido, parcialmente ou não, isso não credencia JEOVÁ como dono absoluto do futuro e do destino das pessoas, visto que o seu reino onde o lobo viveria junto com o cordeiro e a vaca pastaria junto com o urso (Isaías 11:6 e 7) é uma tremenda utopia, sem qualquer perspectiva de cumprimento neste mundo, onde prevalece a lei do mais forte e o mal só tende a crescer, como Jesus previu em Mateus 24:12.

- Não foi Jeová quem curou a lepra de Naamã?

Ainda que JEOVÁ tenha curado a lepra de Naamã, todavia, não curou outros leprosos. Pelo contrário, JEOVÁ enfermou com lepra pessoas que estavam sadias, como fez com Miriam, quando a sua ira se acendeu contra ela (Números 12:9 e 10).

A esse respeito, vemos nas Escrituras que JEOVÁ tinha muita satisfação em realizar magias usando a lepra, como fez com Moisés (Êxodo 4:2-8). Diz o texto que, para mostrar seu poder mágico, JEOVÁ enfermava e sarava alternadamente a lepra da mão de Moisés, conforme Moisés a colocava ou tirava de seu próprio seio.

Aos que o irritavam, JEOVÁ enviava a lepra para Ihes castigar, como fez com o rei Azarias até o dia de sua morte (2 Reis 15:1-5).

É verdade que JEOVÁ tirou a lepra de Naamã, porém, a transferiu para Geazi (2 Reis 5:27), e o pior: a lepra de Naamã se apegou a todos os descendentes de Geazi, que eram inocentes do pecado atribuído à Geazi.

De forma totalmente oposta, Jesus curava a lepra de todas as pessoas que se chegavam a ele, sem jamais transferi-la para outras pessoas. Dos dez leprosos que se apresentaram diante dele, todos os dez foram curados, ainda que só um deles voltou dando graças a Deus (Lucas 17:11-19).

O que muitas vezes confunde as pessoas, no que diz respeito à análise do caráter de JEOVÁ, é que ora ele curava e ora enfermava, ora ele abençoava e ora amaldiçoava, ora ele atendia e ora rejeitava, conforme o seu estado de espírito. Dá a impressão que JEOVÁ achava que através da possibilidade de ficarem mortalmente doentes a qualquer momento, faria as pessoas serem mais tementes e obedientes.

- Em 2 Pedro 2: 4 e 5 o apóstolo não está afirmando que o mesmo Deus que agia no Velho Testamento era aquele que Jesus anunciava?

O texto de 2 Pedro 2:4 e 5 diz assim: "Porque se Deus não poupou a anjos quando pecaram, mas lançou-os no inferno, e os entregou aos abismos da escuridão, reservando-os para o juízo; se não poupou ao mundo antigo, embora preservasse a Noé, pregador da justiça, com mais sete pessoas, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios...".

Na minha opinião, Pedro não estava se referindo nesses versículos ao Pai, mas sim, à JEOVÁ, que exerce juízos imediatistas sobre as vidas das pessoas. Aparentemente, Pedro não está defendendo nem reprovando a atitude de JEOVÁ, tanto em relação aos seus anjos que pecaram, como em relação à população anti-diluviana.

Pedro simplesmente está dizendo que, se não houve condescendência naquelas situações por parte de JEOVÁ, ninguém deve esperar que o verdadeiro Deus e Pai seja tão benevolente, a ponto de postergar indefinidamente o seu juízo sobre aqueles que confundem a longanimidade de Deus com a passividade e a impunidade.

É por isso que no capítulo 3:9 desse mesmo livro, Pedro se refere ao Pai dizendo: "O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia, mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se".

Portanto, embora isso não esteja textualmente escrito, o texto parece fazer referência aos juízos de JEOVÁ, e não do Pai.

- Abraão servia a Jeová?

Abraão servia a JEOVÁ imaginando estar servindo ao Deus único e verdadeiro. O texto de Gálatas 3:6 diz que Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado como justiça; no versículo 3:7 diz que os que são da fé são filhos de Abraão.

Abraão teve 2 chamados e 2 promessas, sendo que um chamado ocorreu quando Abraão ainda estava em Harã (Gênesis 12:1 a 3) e o outro chamado ocorreu quando Abraão ainda estava em Siquém (Gênesis 12:7).

No primeiro chamado, Abraão só ouviu, mas no segundo, o texto diz que o "SENHOR" apareceu a ele. No entanto, 1 João 4:12 diz que o verdadeiro Deus nunca foi visto por ninguém; portanto, aquele que chamou Abraão em Siquém se fez passar por Deus, contudo, não era ele próprio.

No chamado em Harã, a promessa era de que "todas as famílias da terra" seriam abençoadas mediante a fé, tal como sucedeu com Abraão, como diz Gálatas 3:9, 14 e 29, ao se referir aos demais povos da Terra, chamados "gentios". Por

outro lado, no chamado em Siquém, a promessa era segregativa e discriminatória, pois dizia respeito exclusivamente à semente física de Abraão, ou seja, os judeus, descendentes de Isaque, e os árabes, descendentes de Ismael.

Portanto, das promessas feitas à Abraão, uma se referia à sua paternidade espiritual como “pai da fé”, como está em Gálatas 3:8, enquanto que a outra dizia respeito somente à descendência física numerosa, que no caso se cumpriu em Abraão através dos povos judeus e árabes.

A promessa feita pelo verdadeiro Deus tinha um objetivo espiritual de fazer de Abraão um exemplo de fé a ser seguido pelos que crêem, em todos os tempos. Por outro lado, o chamado de JEOVÁ à Abraão só dizia respeito à sua descendência física, bem como à prosperidade material, tendo como prêmio máximo a herança de uma Canaã terrena.

O texto de Hebreus 6:13 “Certamente te abençoarei, e grandemente te multiplicarei” diz respeito à promessa espiritual feita à Abraão, e não à promessa material. Da mesma forma, Tiago 2:23 também se refere à fé de Abraão, que foi imputada como justiça.

Na realidade, Abraão serviu JEOVÁ, imaginando estar servindo ao Deus verdadeiro, e apesar da sua ignorância em não conseguir distinguir o verdadeiro Deus, isso lhe foi imputado por “justiça”. É um caso semelhante à muitos cristãos da atualidade que servem e honram a JEOVÁ, imaginando estarem servindo e honrando ao Deus Pai verdadeiro. Se o Pai fizesse caso dessa ignorância, trazendo juízo imediato aos que não honram o Deus verdadeiro, haveriam poucos sobreviventes no juízo final.

Felizmente, o Pai é longânimo, não levando em conta os “tempos da ignorância”, como diz Atos 17:30 e 1 Pedro 1:14, dando oportunidade suficiente durante o tempo de vida para que as pessoas possam ser regeneradas, mediante a adoção como filhos de Deus (João 1:12).

Aquilo que se aplicava literalmente à Abraão tinha um caráter figurativo de realidades espirituais. Dessa forma, a circuncisão física praticada por Abraão e sua descendência era figura da verdadeira circuncisão espiritual na nova criação, a qual é feita através da obediência aos mandamentos de Jesus. A circuncisão nos moldes da lei de JEOVÁ era praticada no oitavo dia após o nascimento, quando era cortado o prepúcio dos órgãos genitais dos meninos de Israel, enquanto que a circuncisão espiritual é operada no batismo, quando a natureza carnal é mortificada e extirpada pela fé. É por isso que Colossenses 2:12 faz referência à circuncisão, e o versículo seguinte (13) fala sobre o batismo, a verdadeira circuncisão espiritual do Novo Concerto.

De forma semelhante, a promessa da Terra Prometida feita por JEOVÁ à Abraão se contrapõe à herança nos céus, a qual Jesus nos prometeu, e assim por diante.

- O Pai estava indiferente em relação ao sofrimento da humanidade até a vinda de Jesus? Onde estava o Pai durante todo o tempo da humanidade até a vinda de Jesus?

Durante o período compreendido entre os livros de Gênesis e Malaquias, o Pai aguardou com paciência o momento da manifestação de seu Filho, o qual iria reconciliar céus e terra, como diz Romanos 5:11 e 11:15, trazendo oportunidade para que o homem deixasse de ser simplesmente uma criatura de JEOVÁ para se tornar um filho de Deus, nos moldes de João 3:5-12.

Isso quer dizer que, de Adão até Moisés, a morte reinou sobre a humanidade, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, como explica Romanos 5:14. Com a vinda da lei do VT, a situação não ficou diferente, pois através da lei de JEOVÁ ninguém se salva, como afirma Romanos 5:18. Isso significa que aquele sistema expiatório através de

sacrifícios de animais, que era prescrito no VT não podia trazer nenhum benefício para o homem em termos de salvação (Hebreus 9:9-12).

Conclui-se que o homem só pode se tornar filho de Deus mediante a graça e a fé em Jesus dentro da perspectiva do NT. O objetivo primordial do Pai é atrair homens ao conhecimento da verdade, como diz Tito 2:11, e livrá-los da cegueira operada pelo “deus deste século”, como mencionado em 2 Coríntios 4:4.

Acresce-se à pergunta deste tópico uma segunda pergunta, da seguinte forma: - Por que Deus Pai não interviu nas atitudes de JEOVÁ? O Pai não tem poder sobre JEOVÁ?

A resposta é que, apesar de poder intervir no curso da história a qualquer momento, o Pai permitiu o desenvolvimento do plano de JEOVÁ durante todo aquele tempo, porque a sua característica não é destruir o que foi feito errado, mas sim transformar e regenerar conforme o seu modelo.

Assim como o Pai não executa imediatamente o juízo sobre um pecador, assim também não é seu interesse destruir a humanidade prematuramente, porque Ele sabe que haverá alguns que lhe darão ouvidos e estarão dentro de seus propósitos. É por isso que Jesus contou aquela parábola do trigo e do joio, ilustrando o fato de que o Pai não executa logo a ceifa, para que o trigo não seja arrancado juntamente com o joio (Mateus 13:28-30).

Se o Pai tirasse a vida de Saulo quando ele perseguia os cristãos da Igreja recém-formada, não teria lhe dado chance para se arrepender e se tornar o grande apóstolo que Paulo foi.

Quem olha por uma ótica distorcida vê um Deus omissivo, distante e ausente em relação ao homem. Segundo essa visão equivocada, Deus teria esperado passivamente as coisas se deteriorarem sem limites, para então tomar uma atitude que resultou numa ação reparadora.

No entanto, é importante considerar que a Bíblia não procura dar justificativas para um possível “atraso” do momento na história em que Jesus foi revelado. Antes, ela procura enfatizar a importância da obra reconciliatória de Deus em favor do homem, como lemos em 2 Coríntios 5:18-20 e Efésios 2:11-16.

Da mesma forma, a Bíblia não revela uma preocupação por parte de Deus em justificar porque uns sofrem mais do que outros, mas procura mostrar que todo sofrimento nesta vida é temporário, e que Deus sempre proporciona um meio de suportá-lo. Em 1 Coríntios 10:13, por exemplo, lemos que o Pai é fiel, não permitindo que ninguém seja provado acima de suas forças.

Por outro lado, a pergunta: “Porque Jesus não se manifestou antes, evitando assim que muitos perecessem?” não pode ser respondida facilmente, ou de uma forma simplista, pois é um assunto ainda envolto em “mistério”, assim como outros mistérios que dizem respeito a Deus e ao seu relacionamento com os homens. Em Colossenses 1:26 e Efésios 3:4 e 5, vemos mencionado um outro mistério que desafia o entendimento humano: o chamado “mistério de Cristo”.

Se Deus não intervém imediatamente nas desgraças humanas, ou na maneira como gostaríamos que acontecesse, podemos estar certos que nenhuma dor ou lágrima dos seres humanos lhe passa despercebida, pois em todas as circunstâncias Ele revela o sentimento de Pai cuidadoso e misericordioso.

Se Deus estivesse todo o tempo nos superprotegendo e resolvendo os nossos problemas corriqueiros, os papéis se inverteriam e Ele seria apenas um criado à serviço do homem, como o “gênio da lâmpada de Aladim”, que mediante uma esfregadinha da lâmpada maravilhosa satisfazia todos os desejos do seu amo.

Por outro lado, se Deus interviesse sempre do jeito que desejamos, Ele destruiria completamente a espontaneidade dos seres humanos, pois, ao perderem a sua liberdade, as pessoas passariam a agir artificialmente.

Porém, o Pai nunca pretendeu ter “robôs” programados exclusivamente para lhe obedecer. Ele não quer que os homens sejam indivíduos sem personalidade própria, nem direito de opção. Deus quer ter um relacionamento com o homem, porém, de uma forma livre e sem manipulações ardilosas.

Porisso, Ele assegurou aos homens o direito do livre arbítrio, diferentemente dos animais, que agem basicamente por instintos e não possuem a racionalidade necessária para poderem fazer as suas próprias escolhas.

- O fato de Jeová tido compaixão do povo de Nínive, não executando o juízo que estava profetizado contra aquela nação, não identifica Jeová com o Pai, que é sempre misericordioso e benevolente?

O caso que envolveu Jonas e o povo de Nínive realmente é intrigante, pois o comportamento de Jeová tendo misericórdia dos ninivitas e se arrependendo do juízo de destruição que estava disposto a executar inicialmente (Jonas 3:10), foi diferente em relação à outros povos e pessoas que não tiveram a mesma benevolência. Todavia, isso não me parece uma evidência final que associa JEOVÁ com o Pai.

A minha impressão é que nesse episódio houve mais uma vez o favoritismo de Jeová, que perdoou os ninivitas mas não perdoou a Esaú, quando buscou com lágrimas o arrependimento (Hebreus 12:16 e 17). Da mesma forma, a filha de Jefté foi sacrificada, ainda que o seu pai tivesse se arrependido do voto precipitado que fizera, e mesmo depois da demonstração de fidelidade de Jefté para cumprir o que prometera, Jeová não impediu o assassinato na moça (Juízes 11:34-40).

- Quando Jesus disse no Templo que estava cuidando da “casa de seu Pai”, ele não se referia a Jeová?

Quando Jesus se referia à “casa de seu Pai” (João 2:16), não estava se referindo ao templo de alvenaria, onde os judeus cultuavam a JEOVÁ. Em João 2:21 fica claro que o sentido de “Templo” a que Jesus se referia, se tratava do “templo” de seu próprio corpo, que seria ressuscitado três dias após a sua morte.

Isto significa que o templo da habitação do Pai é o Filho, como diz João 14:8-11), assim como o templo da habitação do Espírito Santo é o corpo daqueles que foram regenerados, como disse Paulo em I Coríntios 6:19.

Paulo disse em Atos 17:24 que o verdadeiro Deus Pai não habita em templos feitos pelas mãos de homens! Portanto, imaginar que Jesus estivesse zelando pela “ordem” ou “reverência” do templo de JEOVÁ, como alegam os defensores da identificação entre JEOVÁ e o Pai, é ignorar o fato de que o verdadeiro Deus e Pai não habita em templos de alvenaria, construídos pelos homens.

Na realidade, o verdadeiro significado da atitude de Jesus no Templo foi a reprovação da forma selvagem de sacrifícios e oferendas de animais que havia na lei de JEOVÁ. Ao expulsar aqueles que estavam comprando e vendendo os animais para serem oferecidos em sacrifício (João 2:13-15), Jesus estava desqualificando todo o sistema sacrificial do VT.

Os que vendiam pombas e animais o faziam para que os fiéis à JEOVÁ pudessem oferecê-los como forma de culto, conforme a lei do VT.

Da mesma forma, quando ele derrubou as mesas dos cambistas, isto é, daqueles que trocavam dinheiro dos estrangeiros para a compra dos animais para os sacrifícios (Marcos 11:15), ele não estava preocupado meramente com a “purificação litúrgica” do templo, mas sim, em mostrar que aqueles sacrifícios meramente ritualísticos foram substituídos pelo sacrifício único e eficaz de Jesus Cristo, através de seu próprio sangue, como diz Hebreus 10:4-19 e 1 Pedro 1:19.

Algumas pessoas criticam a atitude “agressiva” de Jesus no Templo de Jerusalém, equiparando-o com a costumeira violência demonstrada por JEOVÁ nas páginas do VT. Isso faria supor que JEOVÁ e Jesus tivessem a mesma natureza iracunda.

No entanto, devemos considerar que, mais importante que o comportamento emocional de Jesus, foi o seu significado profético, pois através

daquela atitude radical, Jesus mostrou de forma inédita que o sacrifício de animais do Velho Concerto havia se tornado obsoleto e sem utilidade, o que foi mais tarde confirmado em Hebreus 9:11-26.

Portanto, Jesus não foi movido por nenhum sentimento mau de ira naquela ocasião, e além disso, ele nunca se preocupou com as formas exteriores de culto a Deus. Ainda que Jesus tenha demonstrado uma agressividade incomum em suas características normais, ele não exterminou nem matou ninguém, como JEOVÁ fazia inúmeras vezes no VT para com os que lhe desobedeciam.

A respeito do templo de Jerusalém, há alguns detalhes interessantes que merecem uma consideração especial. O templo era uma edificação cercada por muros em todos os lados e o "santuário" ficava na parte central do terreno, circundado por vários pátios. Havia o pátio dos judeus, o pátio das mulheres e o pátio dos gentios, ou estrangeiros.

Os cambistas e vendedores de animais exerciam suas atividades no pátio dos gentios e foi ali que Jesus os abordou. Os cambistas trocavam dinheiro dos peregrinos, para que eles pudessem comprar os animais exigidos para o sacrifício mosaico.

Quando o texto diz que "Jesus entrou no templo e começou a expulsar os vendedores de animais e derrubar as mesas com o dinheiro dos cambistas" (Marcos 11:15), deve-se entender que isso não ocorreu no "templo" propriamente dito, mas em suas cercanias, ou seja, aconteceu dentro do espaço circundado pelos muros, porém não no lugar onde se prestavam os cultos. Algumas Bíblias contêm a planta do Templo onde se pode ver com detalhes essa distinção.

Isto significa que, enquanto os sacerdotes faziam suas oferendas de animais e incenso dentro do chamado "lugar santo", numa religiosidade de aparências, Jesus operava as curas e libertações no lado de fora, junto ao "povão", atendendo as necessidades reais das pessoas (Mateus 21:14).

O interessante é que, embora Jesus seja o sumo-sacerdote do Novo Concerto (Hebreus 7:23-8:2), ele nunca entrou no recinto denominado "Santo dos Santos" do templo de JEOVÁ. Nesse recinto, apenas o sumo-sacerdote entrava uma vez por ano, oferecendo sacrifícios por si mesmo e pelo povo (Hebreus 9:25).

No entanto, por ocasião de sua morte, rasgou-se o véu do templo, que separava o lugar Santo do recinto denominado "Santo dos Santos", como diz Mateus 27:51, para mostrar que no Novo Concerto não há restrições humanas para alguém poder cultuar a Deus com liberdade.

- Jesus não reconheceu Jeová como Deus quando fez referência a Abraão, Isaque e Jacó, em Marcos 12:26?

O texto diz: "E acerca dos mortos que houverem de ressuscitar, não tendes lido no livro de Moisés como Deus (JEOVÁ) Ihe falou na sarça, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó" ? A pergunta que fica vinculada à essa é a seguinte: O Deus a que Jesus se referia era JEOVÁ?

Nesse texto Jesus estava se dirigindo aos saduceus, que não criam em ressurreição, e não aos seus discípulos, portanto, não se tratava de um ensino para os apóstolos, mas sim, de uma confrontação com os seus opositores.

Dá para se perceber que, de uma forma sutil e irônica, Jesus estava querendo chamar a atenção para a verdadeira mensagem do Reino de Deus, porque o seu objetivo era fazer com que os seus opositores revissem as suas convicções religiosas, sendo que neste caso se tratava da doutrina da ressurreição futura (Marcos 12:18-27).

Portanto, Jesus confrontou os saduceus usando a mesma referência que eles adotavam como padrão, isto é, os ensinamentos de JEOVÁ. Foi a mesma estratégia que ele usou quando enfrentou Satanás no deserto.

- Jesus não confirmou a legitimidade da lei do Velho Testamento em Marcos 12:30?

Nesse texto, Jesus teria confirmado o mandamento da lei de JEOVÁ: "Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças"; considerando este como o primeiro grande mandamento. Com isso, os defensores da identificação de JEOVÁ com o Pai alegam que Jesus honrava os mandamentos da lei de JEOVÁ.

No entanto, devemos primeiramente considerar alguns fatos. Quando Jesus se dirigiu a um jovem que se julgava muito religioso, ele já sabia da indisposição daquele jovem para cumprir o seu desafio de desapego aos bens materiais, embora o jovem fosse um fiel cumpridor da lei do VT (Mateus 19:16-22).

Portanto, quando Jesus recomendou ao jovem que "cumprisse os mandamentos da lei", já sabia que aquele jovem teria dificuldades em seguir o padrão elevado que Jesus propõe para os que se dispõem a segui-lo.

O jovem retirou-se triste porque sua "fidelidade de aparências" foi conflitada; mas é possível que essa tristeza tenha lhe motivado a rever os conceitos infundados de uma lei que tinha muitas regras, mas pouco conteúdo moral.

Com a sua atitude, Jesus não estava recomendando a lei do VT. Pelo contrário, ele estava chamando a atenção para a discrepância entre os mandamentos de JEOVÁ e os mandamentos que ele recebera de seu Pai.

A diferença entre o "amar a Deus" do VT e o padrão que Jesus trouxe é que a lei do VT era baseada na obediência cega e compulsória à JEOVÁ, enquanto que o evangelho trazido por Jesus era baseado na obediência consciente e voluntária ao Pai.

Se alguém seguir fielmente a lei que se encontra registrada no VT, poderá imaginar que isso seja suficiente para agradar a Deus, mas Jesus mostrou que isso não ocorre, ao confrontar aquele jovem que cumpria à risca todos os mandamentos de JEOVÁ.

No padrão do VT, não era permitido matar (Êxodo 20:13), mas no padrão de Jesus, o fato de alguém se encolerizar contra o seu semelhante já seria reprovável, como ele disse em Mateus 5:22.

- O Pai não feriu Herodes de morte, conforme o relato de Atos 12:21-23?

Aqueles que alegam que a mesma violência que foi revelada no VT estava também presente no NT usam o texto neotestamentário de Atos 12:21-23 para justificar essa relação. Esse texto diz assim: "Num dia designado, vestindo Herodes as vestes reais, estava assentado no tribunal e lhes fez uma declaração. E o povo exclamava: Voz de Deus, e não de homem. E no mesmo instante feriu-o o **anjo do Senhor**, porque não deu glória a Deus e, comido de bichos, expirou".

Não é possível imaginar que o Deus Pai misericordioso e justo tenha sido o autor daquele "juízo sumário" sobre Herodes, o qual morreu comido por bichos por haver se ufanado quando o povo começou a exaltá-lo como se fosse um deus (Atos 12:21). O juízo que o Pai tem reservado para os homens é coisa para o futuro, como revelam vários textos do NT (2 Timóteo 4:1; I Pedro 4:5).

Portanto, embora o Pai pudesse executar seus juízos sobre as pessoas, Ele prefere se abster, dando oportunidade de arrependimento durante o tempo de vida de cada ser humano, deixando o seu julgamento para o futuro, da mesma maneira como Jesus fazia com todos os pecadores com quem convivia.

Na expressão "anjo do Senhor" usada no texto, a palavra "Kyrios" do original grego foi traduzida como "Senhor", mas também poderia se aplicar a JEOVÁ, mesmo sendo essa uma passagem neotestamentária.

Duas evidências reforçam a hipótese de que se tratava de JEOVÁ: a primeira é a utilização de um anjo para executar o juízo fatal sobre Herodes, o que se assemelha muito ao procedimento de JEOVÁ em várias ocasiões no VT; a outra é o

fato de que JEOVÁ é ciumento e não admite qualquer manifestação de vanglória humana, a exemplo do que fez em Babel quando os homens pretendiam construir uma torre que chegasse ao céu (Gênesis 11:4-9).

Além disso, no texto massorético das Escrituras do VT, a expressão “o anjo do Senhor” ou “o anjo de JEOVÁ” é traduzida como “o anjo JEOVÁ”, conforme esclarecem alguns intérpretes, o que viria a confirmar que o autor do homicídio pode ter sido o próprio JEOVÁ, que tem também uma natureza angélica.

É bem verdade que o ministério preponderante de JEOVÁ foi no VT, assim como o ministério preponderante do Pai foi no NT. No entanto, vemos ocasionalmente algumas referências à JEOVÁ no NT, assim como vemos excepcionalmente algumas referências à Jesus e ao Pai no VT.

Um desses poucos exemplos da presença de Jesus no VT foi na fornalha de fogo narrada em Daniel 3:16-25, em que Jesus era o “quarto homem” ali presente (Daniel 3:25), que é chamado no texto como “filho dos deuses”. Uma prova evidente de que os comportamentos de Jesus e JEOVÁ são diferentes é o fato de Jesus ter se colocado ao lado de Sadraque, Mesaque e Abdenego na fornalha, sendo que aqueles jovens haviam sido rebeldes à Nabucodonozor, o qual JEOVÁ chamou de “servo” e determinou que todos se dobrassem perante o seu jugo (Jeremias 27:6-11).

- O texto de Tiago 5:11 não dá a entender que Jeová é misericordioso, pois teve compaixão de Jó?

O texto diz: “Eis que chamamos bem-aventurados os que suportaram aflições. Ouvistes da paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor (JEOVÁ) lhe deu, porque o Senhor é cheio de misericórdia e compaixão”. A pergunta que cabe aqui é a seguinte: JEOVÁ pode ser considerado misericordioso e compassivo por ter sido benévolo com Jó?

A “benevolência” de JEOVÁ para com Jó nada mais foi do que uma compensação pelas perdas, durante o período em que JEOVÁ avaliou a fidelidade de Jó. Essa recompensa foi na forma de camelos, ovelhas, bois, jumentas, filhos e filhas em quantidade maior do que tinha, antes de perdê-los.

À propósito, que tipo de justiça é essa pela qual, para poder avaliar a fidelidade de Jó, JEOVÁ permitiu que seus filhos e filhas tivessem sido mortos, sem dar-lhes qualquer chance? JEOVÁ não permitiu que Satanás tirasse a vida de Jó, mas permitiu que fossem tiradas as vidas dos seus filhos! Que tipo de compensação mesquinha foi aquela, ao dar-lhe outros filhos e filhas, como se isso apagasse a saudade e a ausência dos primeiros?

Portanto, a explicação desse texto em questão é que Tiago estava considerando uma maior recompensa que o Pai tem para os seus filhos, do que aquela recompensa indenizatória que JEOVÁ proporcionou a Jó.

Jesus disse em Mateus 7:11 “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhas pedirem?”. Fazendo uma analogia desse texto com Tiago 5:11, poderíamos parafrasear, dizendo que: Se JEOVÁ, que teve tantas vezes um mau comportamento em relação aos homens, foi misericordioso com Jó, não lhe tirando a vida, quanto mais o verdadeiro Pai, que está no céu, terá misericórdia de seu filhos quando forem atribulados e estiverem em grande angústia de alma.

- O Pai permite o sofrimento agonizante de seus filhos, tal como permitiu o sofrimento de Jesus na cruz?

Muitas pessoas reprovam a atitude do Pai por ter permitido a morte de seu filho numa das formas mais agonizantes e bárbaras que já se viu em todos os

tempos. Além disso, Ele também teria deixado que muitos dos discípulos de Jesus fossem martirizados de forma brutal e injusta.

Porém, é necessário considerar que o Pai permitiu a morte de seu Filho, tendo em vista o propósito expiatório de estabelecer Jesus como sacerdote eterno em favor dos homens. Para isso, Ele ressuscitou-o e o exaltou acima de todo poder nos céus e na terra (Filipenses 2:9-11).

Portanto, a “desonra” na cruz não é para se comparar à glória da ressurreição e da exaltação máxima. Se o Cristianismo parasse na crucificação de Jesus, seria a mais miserável das religiões.

Há muitos que enfatizam a morte de Cristo, porém a maior glória foi a ressurreição. As pessoas que andam com o crucifixo pendurado no pescoço, como que querendo chamar a atenção para a morte, deveriam chamar atenção para a vida, que foi valorizada na ressurreição.

Se o Pai permitiu que seu filho fosse sacrificado de forma tão cruel, foi porque não havia outra forma de resgatar muitos seres humanos, que estavam sob o domínio do pecado desde Adão. É por isso que em Romanos 5:17 e 18, lemos assim: “Porque, se pela ofensa de um só, a morte veio a reinar por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Portanto, assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação e vida”.

Se Jesus não tivesse sofrido o martírio, poderia se dizer que o seu sofrimento foi “de mentirinha” e assim, seu sacrifício não teria valor. Quando Jesus disse aos discípulos em Marcos 10:39: “O cálice que eu bebo, haveis de bebê-lo”, ele estava se referindo ao martírio que muitos deles também iriam enfrentar, como de fato aconteceu.

O martírio de muitos cristãos ocorreu durante as perseguições no início da Igreja, porém isso foi algo totalmente VOLUNTÁRIO, em que aquelas pessoas manifestavam o prazer de estar em comunhão com Deus, independentemente das circunstâncias exteriores, tal como o sentimento de Paulo e Silas dentro do cárcere, que apesar de presos e acorrentados, glorificavam a Deus (Atos 16:25).

É importante também salientar que aquele “martírio” praticado no início da Igreja é bem diferente do ascetismo praticado por alguns adeptos de religiões orientais, sobretudo hinduístas, que buscam alcançar um melhor estágio espiritual da alma, através da auto-flagelação e mutilação do corpo.

- O que significa o “opróbrio de Cristo”, mencionado em Hebreus 11:26?

O texto diz: “Porquanto [Moisés] considerou o opróbrio de Cristo por maior riqueza do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão”? Com relação à essa questão de que Moisés considerava o opróbrio (vergonha) de Cristo, a pergunta que fica vinculada à essa é a seguinte: Moisés estava vinculado à Cristo ou à JEOVÁ?

Embora Moisés tenha sido o porta-voz de JEOVÁ, ele foi uma figura de Cristo, sob alguns aspectos. Assim como Moisés, quando estava no Egito, Jesus escapou de uma matança de crianças na Judéia e foi refugiado no Egito (Mateus 2:13-18).

Uma outra analogia é que Moisés foi um instrumento nas mãos de JEOVÁ para livrar o seu povo que estava cativo no Egito, enquanto que Jesus foi um instrumento nas mãos do Pai para livrar todos aqueles que estão cativos pelo pecado. A grande diferença é que Moisés livrou o povo de uma escravidão física enquanto que Jesus liberta de uma escravidão espiritual (João 8:36).

O fato do texto de Hebreus dizer que Moisés escolheu por maior riqueza o vitupério (ou “opróbrio de Cristo”) do que os tesouros do Egito, está relacionado com a opção de Jesus, ao rejeitar a glória que tinha, antes de assumir a forma humana (Filipenses 2:6 e 7). Portanto, o que está relacionado é o fato de que tanto Moisés como Jesus rejeitaram valores para poderem alcançar um objetivo maior.

Se alguma “influência” de Cristo estivesse sobre Moisés, o que de certa forma o vincularia ao ministério de JEOVÁ, então os kardecistas teriam razão ao alegar que o espírito de Elias reencarnou em João Batista, baseados em Malaquias 4:5 e Mateus 17:10-13.

- O texto de Colossenses 1:15-17 não dá a entender que Jesus é o autor da criação material a partir do Gênesis?

Em Colossenses 1:15-17 lemos assim: “Jesus é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as VISÍVEIS e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas”.

Também o texto de João 1:3 diz que todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Em uma análise à primeira vista desses textos, somos levados a pensar que Jesus é o autor tanto da criação espiritual (invisível), como da criação material (visível), contrariamente ao que havíamos concluído anteriormente, quando fizemos diferenciação entre a autoria da criação material (através de Elohim-JEOVÁ) e da criação espiritual (através do Pai). No entanto, se analisarmos melhor, poderemos entender o significado dos textos mencionados.

Jesus é o Verbo de Deus (João 1:1 e 2), também chamado “Verbo da vida” como diz 1 João 1:1. Em termos gramaticais, o verbo significa a ação. Toda oração gramatical precisa de um verbo para ser completa. Ainda que o verbo esteja oculto, ele se faz perceber através da ação executada.

Como Verbo de Deus, Jesus é a ação de Deus, sempre pronta para realizar a vontade do Pai e os seus propósitos. Se fôssemos fazer o paralelo com um indivíduo, o verbo seria o impulso motivador que o leva a executar uma determinada tarefa.

No Universo existe o princípio da ação e reação. Diz o postulado físico que a toda ação corresponde uma reação, de igual intensidade e sentido contrário. Portanto, em termos lógicos, se admitimos que Jesus é o Verbo executor das ações planejadas por Deus, devemos admitir também que há um “anti-verbo”, correspondente à reação contrária, responsável por todas as tentativas de neutralização das ações planejadas pelo Pai.

Este conceito não deve ser confundido com o princípio do Ying-Yang, o qual é muito difundido nas correntes esotéricas, que pressupõe uma contraposição harmônica entre as forças que regem o Universo, através de um equilíbrio contínuo entre os opostos. Não é o caso que estamos considerando, pois a ação do Pai é SEMPRE BENÉFICA, enquanto que a reação natural é contrária e reativa aos seus propósitos.

Quando o texto bíblico diz que “todas as coisas foram feitas por meio do Filho e sem ele nada se fez” (João 1:3), podemos supor que Jesus tenha sido o autor dos elementos fundamentais da natureza, que incluem os elementos químicos que deram origem ao ar, a água, assim como os compostos básicos essenciais para a formação dos minerais e vegetais.

Conforme Gênesis 2:7, Elohim-JEOVÁ formou o homem A PARTIR do barro (pó da terra). Assim como o homem, também a mulher não foi criada a partir do “nada”, pois ela foi formada A PARTIR da costela do homem (Gênesis 2:21 e 22).

É interessante que neste século já assimilamos pela ciência genética o conceito de “criação” laboratorial a partir de um determinado organismo, que é a geração de órgãos através de células-tronco, sendo que isso já está registrado no texto bíblico há milênios!

Assim sendo, Elohim-JEOVÁ não deveria ser considerado o criador, mas sim, o MANIPULADOR da criação humana. É mais ou menos como o farmacêutico que

apenas manipula as substâncias básicas segundo uma determinada fórmula, no intuito de produzir um certo medicamento.

Portanto, se pensarmos em termos de criação dos elementos essenciais e vitais deste Universo, pode-se supor que o Pai criou todas as coisas através de sua ação executante (Jesus, o Verbo), porém, apenas no que diz respeito à estrutura básica desses elementos. Quanto ao arranjo dos elementos que deu origem aos seres vivos (em particular os seres humanos), não creio que tenha sido autoria do Pai, pois se a criação material se revela imperfeita, como de fato ocorre, isso desabona a perfeição absoluta que é atribuída ao Deus Altíssimo.

Poderíamos fazer a analogia com a construção civil: uma empresa fica responsável pelo fornecimento da matéria-prima (cimento, tijolos, areia, ferros e tubulações) e uma outra empresa fica responsável pelo projeto e execução da obra. Ainda que os materiais sejam todos de primeira qualidade, a construção ficará abalada se o projeto ou a execução for de má qualidade.

Analogamente, poderíamos dizer que o Pai forneceu a matéria-prima para a construção do Universo e dos seres-vivos, porém Elohim-JEOVÁ foi o executor que fracassou em seus planos, pois seu projeto era imperfeito e suscetível a falhas. Para que uma construção seja bem sucedida é preciso que tanto a matéria-prima como a execução sejam de boa qualidade e exequibilidade.

Em Romanos 8: 18-22 Paulo diz assim: "Pois tenho para mim que as aflições deste tempo presente não se podem comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a criação aguarda com ardente expectativa a revelação dos filhos de Deus. Porquanto a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa DAQUELE QUE A SUJEITOU, na esperança de que também a própria criação há de ser liberta do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, conjuntamente, geme e está com dores de parto até agora".

De acordo com esse texto, a criação de uma forma geral foi subvertida a partir de seu projeto construtivo por alguém que sujeitou tiranicamente a humanidade, levando-a a uma condição de dor e angústia de parto espiritual. Esse perfil não coaduna de forma nenhuma com o Pai, pois seu projeto visa reabilitar e restaurar o homem, a partir da obra regeneradora do Espírito Santo, sem levar em consideração o tempo da ignorância e os fracassos do passado. É por isso que em Atos 17:30 lemos que Deus, não levando em conta os tempos da ignorância, manda agora que todos os homens em todo lugar se arrependam.

- Porque Jesus não disse abertamente que Jeová não era o mesmo que o Pai?

Não era típico de Jesus fazer declarações abertas para o público. Quando Jesus percebia uma receptividade favorável, o que normalmente ocorria entre os seus discípulos mais íntimos, ele lhes revelava os mistérios do Reino de Deus.

Em Mateus 13:34 está escrito que Jesus se dirigia às multidões através da linguagem figurada e sem parábolas nada lhes falava. No mesmo capítulo, versículos 10-17, Jesus respondeu a um de seus discípulos que lhe perguntou porque ele falava ao povo apenas por parábolas: "E chegando-se a ele os discípulos, perguntaram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? Respondeu-lhes Jesus: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas A ELES NÃO LHES É DADO; pois ao que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não vêem; e ouvindo, não ouvem nem entendem".

À primeira vista, essa declaração de Jesus dá a impressão que ele não era imparcial, revelando os mistérios do Reino de Deus para uns e ocultando-os para outros. Porém, na continuidade do texto lemos assim: "Porque o coração deste povo se endureceu, e com os ouvidos ouviram tardamente, e fecharam os olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, nem entendam

com o coração, nem se convertam, e eu os cure. Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. Pois, em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes, e não o viram; e ouvir o que ouvís, e não o ouviram”.

Realmente, Jesus não era explícito em certas ocasiões, especialmente quando encontrava uma resistência cética por parte de seus interlocutores. Em Mateus 13:58 está escrito que Jesus deixou de fazer muitos milagres por causa da incredulidade de seus compatriotas judeus. Também em Mateus 7:6, Jesus disse que não é conveniente lançar pérolas aos porcos, para não acontecer que eles as calcem aos pés, instigando-lhes maior ódio e oposição. Nesse caso, as pérolas representam o conhecimento dos mistérios de Deus e os porcos representam aqueles que são indóceis e ignorantes com relação às coisas espirituais.

Portanto, se Jesus não declarou abertamente a verdadeira identidade de JEOVÁ, podemos supor que ele não foi mais explícito por prudência, para evitar que tivesse sido executado antes do tempo por blasfêmia, pois todos os judeus criam que JEOVÁ era o Deus Absoluto. O escritor de Hebreus (possivelmente Paulo) teve uma atitude similar quando disse em Hebreus 5:11 e 12 que não podia falar abertamente a respeito do mistério de Melquisedeque porque seus ouvintes haviam se tornado “tardios” para ouvir, pois já devendo ser mestres em razão do tempo, ainda necessitavam que lhes ensinassem os princípios elementares dos oráculos de Deus, alimentando-se de leite quando já deviam estar recebendo alimento sólido.